

LETRAMENTO(S) DOCENTE(S): DIÁLOGOS E REFLEXÕES COM PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE MATO GROSSO

Ernandes Araujo Nascimento¹ (MeEL/UFMT)

Resumo

O Ministério da Educação e a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso vem, nos últimos anos, investindo em medidas que visam dar um norte ao ensino regular, tomando como base estudos acadêmicos desenvolvidos no âmbito de ensino-aprendizagem e levando em consideração os "Parâmetros Curriculares Nacionais" e as "Orientações Curriculares de Mato Grosso". No caminho a ser trilhado para diminuir essa defasagem, uma questão crucial se impõe: Até que ponto os professores conseguem processar essas informações contidas nas concepções teórico-metodológicas que fundamentam as referidas iniciativas? Para que a compreensão e utilização desses documentos oficiais atendam aos seus objetivos, torna-se necessário a incorporação de práticas de letramento que auxiliem significativamente na formação desses professores de modo a contribuir de forma crítica e reflexiva, em suas ações em sala de aula. Em busca de respostas, desenvolvendo uma pesquisa de caráter qualitativo com uma abordagem teórica enunciativo-discursiva, com base nos escritos de Bakhtin e o círculo, como também da teoria de ensino-aprendizagem sócio-histórica Vygotskiana. Tais pressupostos, no escopo deste artigo, aliam-se à perspectiva crítica de Freire(1970) e dos estudos contemporâneos do Letramento Crítico, inseridos na análise dos dados referentes às concepções dos docentes sobre leitura, letramento e ensino-aprendizagem com professores de uma escola pública do Estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Leitura 1, Letramento 2, Reflexão 3, Diálogos 4

1-Introdução

Este artigo, é parte de uma pesquisa que tem como objetivo averiguar, que concepções teórico-metodológicas de ensino de leitura têm os professores de uma escola pública locus da pesquisa e que capacidades de leitura são desenvolvidas por esses sujeitos ao lidarem com os conteúdos orientativos presentes nos documentos oficiais (PCN e Orientações Curriculares de Mato Grosso). No sentido de responder a nossa questão de pesquisa, faremos a análise de diálogos gravados durante os estudos com os sujeitos componentes

do grupo, por meio de registros audiovisuais e fragmentos de relatos colhidos em um diário reflexivo, produzidos por alguns professores durante os encontros formativos. Como referencial, utilizamos uma abordagem teórica enunciativo-discursiva, com base nos escritos de Bakhtin e o círculo, como também da teoria de ensino- aprendizagem sócio-histórica Vygotskiana.

As temáticas que foram discutidas no grupo de estudo tratam de conceitos como: Letramento(s), capacidades de leitura, reflexão sobre a prática e as teorias contidas nos documentos oficiais (PCN e Orientações curriculares de Mato Grosso).

2 - Zonas de Desenvolvimento: teoria vygotskiana também na aprendizagem docente

A partir do momento que formamos o grupo de estudo, nossa proposta foi de analisar o nível de letramento dos professores ao se depararem com as teorias veiculadas nos diversos documentos oficiais dedicados ao ensino de leitura. Nossa hipótese era de que os professores tinham dificuldades de compreender os enunciados expostos nesses documentos.

Verificamos que essas hipótese também fazem parte da escrita de alguns autores renomados, como Kleiman (2008, p.490). Ela menciona que desde a década de 70, na mídia, na universidade, nas secretarias de educação, não se questiona apenas a capacidade do docente para ensinar a ler, escrever ou analisar um texto, mas a capacidade de ele próprio conseguir fazer isso, ou seja, sua própria competência lingüístico-enunciativo-discursiva. Não é sua formação o alvo de crítica, mas a sua própria condição de letrado. É sobre esse saber do professor que buscamos identificar ao realizar nossa análise por meios do grupo de estudos.

Em uma primeira abordagem, utilizamos a teoria de aprendizagem vygotskiana, pois tínhamos como propósito verificarmos o desenvolvimento do professor durante os diálogos. Conforme essa teoria, o pesquisador nesse contexto, atua como articulador/mediador das interações, bem como do próprio processo de aprendizagem, *em nosso caso*, fazendo uso do grupo de estudos¹. Tais ações buscou identificar quais as capacidades que foram desenvolvidas por esses participantes.

No primeiro encontro procuramos identificar o desenvolvimento real de aprendizagem em que eles estavam situados. Em seguida, trabalhamos as funções que

¹ Os estudos na escola faz parte de um projeto maior idealizado pela Secretaria de Educação do Estado denominado "Sala de professor" e nossa pesquisa fez parte do cronograma do projeto.

ainda não amadureceram, portanto, a **zona proximal de desenvolvimento**. Assim, durante as análises, mostraremos as percepções desses professores sobre essas temáticas, considerando sua compreensão **antes, durante e ao final** dos estudos.

Para coleta desses dados elaboramos uma entrevista no primeiro contato, com o propósito de conhecermos os conhecimentos prévios desses sujeitos de pesquisa. Na oportunidade compareceram apenas quatro integrantes do grupo de estudos que no total somam seis: as professoras, Célia, Izanete, Lara e Luzia². Nosso objetivo foi realizar um diálogo no sentido de obter informações sobre alguns conceitos que iríamos estudar. As respostas que colhemos serão descritas por meio de **episódios**.

Iniciamos fazendo uma pergunta para todas: Qual sua concepção de linguagem?

Episódio 01 - 15/12/2013

Pesquisador – Qual a sua concepção de linguagem?

Professora Lara – Nossa!!! Mas ai é difícil...

Pesquisador – Eu sei... é só um diagnóstico sobre qual concepção de linguagem que vocês adotam em sua prática.

Todos demonstrando dúvidas...

Lara – Não estamos compreendendo...

Luzia – Não compreendemos a pergunta.

Pesquisador – Quero saber se vocês têm uma concepção de linguagem...

Todas – Risos

Célia – (ainda em dúvidas) É... o que é linguagem?

Pesquisador – (tentando fazê-las entender a pergunta) É... por exemplo... uma delas é a de linguagem como expressão do pensamento...

Célia – (parecendo ter compreendido) Ah! Eu trabalho com o pensamento crítico... Não sei se essa é uma concepção. Eu levo o aluno a refletir sobre a linguagem em si (...) Eu levo o aluno a identificar o mundo ao redor dele ou seja, ser um ser crítico, ser um ser pensante...

Antes da análise das falas, torna-se importante ressaltar que no ensino de Língua, é necessário que esses professores tenham um conhecimento dessa concepção

² Nomes fictícios das professoras participantes da pesquisa

como também identificar o que diz os documentos oficiais que os ampara e orienta (PCN e Orientações Curriculares). Sobre o assunto, Rojo (2006), diz que o olhar para o texto depende de quais perspectivas de língua e sujeito adotamos, no entanto, como vimos pelas respostas das professoras, elas desconhecem esse conceito. É provável que já tenham ouvido falar, mas, possivelmente, não tenha sido relevante na ocasião. Assim, a partir dessas informações, elaboramos os estudos do grupo com textos voltados à temática para posteriormente discutimos e dialogamos sobre essas concepções.

Durante os estudos, mostramos que conhecer as três concepções de linguagem é importante para o professor de Línguas, visto que o levará a encaminhar e planejar seu trabalho em sala de aula e principalmente ter clareza sobre qual das três concepções norteiam os documentos oficiais do seu sistema de ensino: *Linguagem como expressão de pensamento? Linguagem como instrumento de comunicação? ou Linguagem como processo de interação social?* Mostramos aos professores que a resposta a tais questionamentos estão explícita em vários parágrafos das Orientações Curriculares de Mato Grosso (2010) e PCN, as OCs³ assim esclarece:

[...] Coerente com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a concepção de linguagem como prática sociointeracional, constituída nas relações sociais e delas resultante, é a mais adequada para alcançar um dos principais objetivos da disciplina: tornar o aluno proficiente em sua língua materna, oral e escrita, a fim de lhe garantir o pleno exercício da cidadania (p.100).

Podemos verificar que tanto as concepções de leitura como de linguagem subjacente aos documentos oficiais é a concepção enunciativo-discursiva de Bakhtin e o Círculo, no entanto, ao questionarmos sobre a leitura dessa concepção nesses documentos, os professores assim se pronunciaram:

³ Abreviatura de Orientações Curriculares

Episódio 02 - 15/12/2013

Pesquisador – (retomando a pergunta) Alguma vez vocês já leram sobre qual concepção de linguagem que é adotada nos documentos oficiais?

Professora Célia – Ler nós já lemos, só não percebemos qual é essa linguagem porque as vezes a gente lê muito mas não pra refletir qual é essa concepção.

Professora Luzia – (em dúvidas) É não sabemos qual é...

Pesquisador – Então não ficou claro nos documento qual é essa concepção?

Professora Célia – (com um olhar de incerteza) O que ficou claro pra mim é isso... levar o aluno a ser um cidadão crítico... Bem, é o que eu penso.

Professora Lara – (tentando ajudar a colega) Não é nem ser crítico... é participante.

Pesquisador – Mas, eu pergunto o seguinte... Durante os estudos dos documentos... isso nunca ficou claro?

Professora Lara – Não, não ficou...

No sentido de auxiliar os professores na aquisição do conhecimento proposto, no oitavo encontro, elaboramos um texto para estudo em que procuramos esclarecer os conceitos inerentes a tais concepções. Nesse sentido, procuramos atuar como mediador do conhecimento, auxiliando-os na tarefa de compreensão dessa temática. Observamos então que após os debates, leituras e diálogos, houve um aprendizado e reflexões sobre o que haviam estudado.

Vejamos como transcorreram os diálogos no episódio seguinte:

Episódio 03 - 11/06/2014

Professor Maia – Acho que essa bakhtiniana, (*Linguagem como forma de interação social*) ao meu ver, compreende as outras duas. Porque você usa a linguagem para interagir, pra comunicar-se...

Professora Lara – É, mas essa Aristotélica, (*Linguagem como expressão do pensamento*) a opinião do outro não interessa...

Professor Maia – Quer dizer você não sofre influência externa...

Professora Luzia – Pra ele, se você pensar bem, você se comunica bem... você se expressa bem!!!

Professor Maia – Então... e ai eu considero que ela vai partir da outra... Você também precisa pensar bem...

Professora Lara – Mas esse pensar bem, ele vai aplicar em coisas que acontece fora...

Professor Maia – Por isso que ao meu ver, essa última concepção abrange as outras...

Professora Lara – (lendo) Para Saussure a linguagem é **instrumento de comunicação...**

Pesquisador – Então para Saussure a linguagem era isso...

Professora Lara – Pra mim também!!!! (risos)

Pesquisador – Era aquele estudo que tivemos por muito tempo do emissor e receptor...

Professor Maia – Pois é, e que ensinei muito na escola também...

Pesquisador – Nesse ensino utilizamos muito aquela figura... emissor, receptor, canal e mensagem... Mas como vocês viram, essa concepção bakhtiniana de linguagem como interação social, é o referencial para muitas teorias linguísticas...

Conforme podemos perceber nos enunciados do excerto, no processo de compreensão entre os componentes do grupo, foi possível atribuir sentido ao texto em conjunto, por meio dos diálogos em que a fala de cada um proporcionou novos sentidos. É o que Vygotsky (1930) evidencia em sua teoria, sobre a importância do papel do **outro**.

A esse respeito, Paes de Barros (2005) assim se pronuncia:

É a **interação** que permite a categorização do mundo, a possibilidade de abstração e a generalização dos objetos; dito de outra maneira: o homem pode agir e pensar sobre os objetos sem que eles estejam presentes e relacionar-se com o mundo através da mediação dos significados construídos pelo grupo social do qual faz parte (p.183).

Vygotsky (1930 p. 98) ainda cita que com o auxílio de um par mais avançado (*nos diálogos aqui, a figura do pesquisador*) qualquer indivíduo consegue fazer muito mais. Ele nos fala que a diferença entre o que uma pessoa consegue fazer sozinha e com a ajuda de um par mais avançado, como vimos nos excertos, é o que determina a **zona de proximal de desenvolvimento**. Podemos ver que houve uma compreensão do que foi discutido nesses diálogos resultando em aprendizado e atingindo um novo estágio de desenvolvimento de seus participantes. Tudo que abordamos até agora, só foi possível, por estarmos fazendo uso de uma pesquisa de cunho colaborativa, pois, segundo Pimenta (2005) ela tem por objetivo criar nas escolas uma cultura de análise das práticas que são realizadas. Mas, em relação às práticas de letramento, qual a ótica desses professores sobre o assunto?

3 - Interações e trocas dialógicas: uma reflexão sobre a prática

Nessa seção partimos de uma célebre frase de Freire (1970) *Ensinar exige reflexão crítica e convicção de que a mudança é possível*. Por isso, na sequência procuramos comprovar por meio dos instrumentos de coleta de dados, dá uma resposta ao segundo objetivo de pesquisa: **As interações e as trocas dialógicas entre os sujeitos professores/pesquisador no âmbito do grupo de estudos poderão colaborar para a reflexão sobre a sua prática?**

Nesse episódio, ocorre justamente isso, uma reflexão dos envolvidos nos estudos, sobre o que leram, dialogaram e debateram. Os resultados estão expressos nos excertos abaixo:

Episódio 04 - 11/06/2014

Pesquisador – Estamos encerrando nossos estudos e fico contente porque percebi que houve um avanço (...) Em relação a aprendizagem nos nossos estudos...

Professora Jucélia – Eu vou te dizer assim, quando fui convidada pra fazer a pesquisa eu não queria muito não... Mas ai pensei, não... No futuro eu vou precisar... Segundo, quando falou letramento eu disse... Ah não, de novo. Eu já tinha feito um cursinho... mas já fazia tempo. Mas digo assim, pra mim foi muito bom... **Gostei**, apesar de às vezes a gente não dá aquele valor... Mas eu só percebi quando senti necessidade de estar me reavaliando (...) **Realmente, acho que aprendi**. Quando eu fiz a prova do SAEB com os meninos na primeira vez, foi só pra ver o valor da nota. Agora **fiz com outro olhar**, pra ver o que eles aprenderam... pra ter uma noção do que precisava trabalhar com os meninos. Ai percebi qua a maior deficiência deles, é a gramática dentro do texto... entendeu? Eu já vi com outro olhar... **E isso foi depois dos estudos que fizemos dos descritores...**

Professora Lara – Eu achei muito proveitoso... **Esclareceu muitas coisas** e também **nos fez refletir mesmo né?** Pelo menos a mim me fez **refletir minha prática como educadora...** E ai toda vez que eu paro pra planejar minha aula... as vezes eu penso, pra quê esse planejamento quinzenal... eu acho muito, agora eu quero planejar semanalmente porque realmente você vai organizar uma aula diferente, usando diferentes textos... Pensar como você vai trabalhar aquele texto... E também como vai avaliar cada aluno na sua dificuldade.

Pesquisador – E as questões relativas aos livros oficiais, ficaram mais claras?

Professora Lara – Ficou... É porque **eu ficava muito presa as atividades do livro...** Agora não, **eu tô selecionando o que eu vou trabalhar...** Eu não trabalho tudo do livro, uma ou outra questão eu reformulo.

Pesquisador – E a professora Luzia, também lhe ajudou muito no espanhol?

Professora Luzia - Pois é, também me ajudou muito no espanhol né? Porque a gente às vezes deixa as coisas passarem meio batido... Eu trabalho com gêneros e **hoje eu vejo que minha visão é bem melhor do que antes...** bem mais abrangente.

Pesquisador – Eu é que agradeço. **A aprendizagem de vocês** é a minha satisfação...

Os episódios revelam que SIM, as interações e trocas dialógicas entre os sujeitos, colaboraram para uma reflexão sobre a prática. Tal resultado se comprova mais ainda no relato do diário reflexivo⁴ de uma das professoras;

Diário reflexivo – Percebi que minha noção sobre a definição de leitura, letramento e alfabetização mudou muito, pois trazemos enraizados em nós conceitos de quando éramos apenas estudantes e mesmo estudando, lendo e conhecendo novos conceitos, ainda continuava a conceituar de forma imprecisa.

Entendo que houve uma mudança de dentro para fora ocorrida em mim como pessoa e principalmente como educadora. Hoje estou vendo a leitura e a forma de trabalhar a valorização do ler com mais intensidade e empolgação e o mais vantajoso que estou vendo é que os alunos estão percebendo essa mudança e acredito que tudo isso será válido no meu dia a dia.

Todas as palavras em negrito no episódio e o relato do diário reflexivo, dão uma resposta aos objetivos da pesquisa: *Realmente, acho que aprendi... esclareceu muitas coisas... nos fez refletir mesmo... refletir minha prática como educadora... eu ficava muito presa as atividades do livro... eu tô selecionando o que vou trabalhar...* Todos esses enunciados indicam que os professores realmente refletiram sobre a sua prática. Para o pesquisador, tais resultados refletem a satisfação do trabalho realizado e a validade dos resultados como contribuição para a melhoria da qualidade de ensino de Língua Materna, especificamente ao trabalho dos professores com a leitura.

Conclusão

Todos esses episódios transcritos a partir das falas dos professores, nos possibilitou verificar que uma formação nos moldes da reflexão sobre a prática, considera os sujeitos capazes de estabelecer mudanças, como bem menciona Freire (1970). A visão de transformação é essencial, desde que seja para uma ação que seja assumida. Nesse sentido, concordamos com (LIBERALI, 2006, p.8) que se posiciona dizendo que uma concepção de formação crítica de professores, está ligada a convocação dos participantes a interagir, questionar, pensar, assumir compromissos e de se submeter a críticas de seus valores, normas e direitos, inclusive aqueles tidos como democráticos e justos. Podemos concluir, após a avaliação dos resultados, que o trabalho de reflexão em estudos de formação de professores, é mais que um curso, uma qualificação ou treinamento pedagógico para a atuação em sala de aula. É sim, uma

⁴ É um dos instrumentos de coleta de dados. Caderno em que o professor relata o que foi importante ao final de cada dia de estudos.

forma de refletir sobre a prática para a melhoria e qualidade de ensino em que são beneficiados: comunidade, pais, escola, professores e principalmente, nossos alunos, motivo de nossa dedicação.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. e VOLOSHINOV, V. N. (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. 6ª edição.

BRASIL, SEF/MEC (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos* Cuiabá: EdUFMT, 2008. *do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970

KLEIMAN, A. B. *Leitura: Ensino e pesquisa*. 2ª edição. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 7ª ed. Campinas, Pontes, 2000.

LIBERALI, F. *O desenvolvimento reflexivo do professor*. São Paulo: ESP, 2006

MATO GROSSO. *Orientações Curriculares de Mato Grosso*. Cuiabá. SEDUC/MT. 2010

PAES DE BARROS, C.G. *Compreensão ativa e criadora: uma proposta de ensino-aprendizagem de leitura do jornal impresso*. Tese de doutorado apresentada ao LAEL da PUC São Paulo, 2005.

_____. Gêneros discursivos: contribuições teóricas e aplicadas. In: PETRONI, M.R. *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. São Carlos: Pedro & João Editores

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teórica e prática*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005;

ROJO, R. *Alfabetização e letramento: sedimentação de práticas e (des) articulação de objetos de ensino*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

VYGOTSKY, L.S. Implicações educacionais. In: M. COLE, V. JOHN-STEINER, S. SCRIBNER & E. SOBERMAN (orgs). *A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. pp.117-118.

ⁱ Autor: Ernandes Araujo Nascimento, Professor Formador do CEFAPRO - Centro de Formação de Professores da Educação Básica e Mestrando do Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso